

A SEMANA – 162

John Gledson

Machado não devia lamentar muito a morte de Floriano, chefe de um regime ditatorial e repressivo: por isso começa equiparando-a à morte do seu maior inimigo, Saldanha da Gama, coisa que a *Gazeta* também fez à sua maneira. Ferreira de Araújo foi a uma das missas comemorativas do almirante rebelde. Mas Machado também lança mão das amizades que tinha no campo dos republicanos históricos, no caso o mais importante deles, Quintino Bocaiuva, para mostrar respeito e imparcialidade. Principalmente, porém, quer sair do assunto, e encontra o pretexto perfeito – com o senão de celebrar o centenário com três semanas de antecipação – em José Basílio da Gama. De fato, era uma antiga admiração dele, elogiado no “Instinto de Nacionalidade” e na “Nova Geração”. Em 1875, estando, parece, meio sem rumo, pensara em escrever uma biografia do poeta; em carta de 30 de julho desse ano, pediu ajuda na tarefa a Araújo Porto-Alegre, que vivia em Lisboa.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 227-232.



A SEMANA

7 de julho de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Os mortos não vão tão depressa, como quer o adágio; mas que eles governam os vivos, é coisa dita, sabida e certa.¹ Não me cabe narrar o que esta cidade viu ontem, por ocasião de ser conduzido ao cemitério o cadáver de Floriano Peixoto, nem o que vira antes, ao ser ele transportado para a Cruz dos Militares.² Quando, há sete dias, falei de Saldanha da Gama e dos funerais de Coriolano que lhe deram, estava longe de supor que, poucas horas depois, teríamos notícia do óbito do marechal. O destino pôs assim, a curta distância, uma de outra, a morte de um dos chefes da rebelião de 6 de setembro e a do chefe de Estado que tenazmente a combateu e debelou.

A história é isto. Todos somos os fios do tecido que a mão do tecelão vai compondo, para servir aos olhos vindouros, com os seus vários aspectos morais e políticos. Assim como os há sólidos e brilhantes, assim também os há frouxos e desmaiados, não contando a multidão deles que se perde nas cores de que é feito o fundo do quadro. O marechal Floriano era dos fortes. Um de seus mais ilustres amigos e companheiros, Quintino Bocaiuva, definiu na tribuna do senado, com a eloquência que lhe é própria, a natureza, a situação e o papel do finado vice-presidente.³ Bocaiuva, que

¹ Dois ditos franceses: primeiro, “Les morts vont vite”, citação famosa da tradução francesa, de Gérard de Nerval, do poema “Lenore”, de Gottfried August Bürger (1747-1794); segundo, “Les morts gouvernent les vivants”, de Auguste Comte (1798-1857), do *Catéquisme positiviste*.

² Floriano faleceu no sábado, 29 de junho, em Barra Mansa: a sua morte foi anunciada na mesma página da crônica anterior a esta, de 30 de junho. No dia 2 de julho, o corpo foi trazido para a igreja da Cruz dos Militares, na esquina da rua do Ouvidor com a rua Primeiro de Março. No sábado, dia 6, com muita cerimônia, foi levado para o cemitério São João Batista. Interessa notar que a *Gazeta* dá, quase todas as vezes e na primeira página, notícias não só das exéquias de Floriano, como também de comemorações da morte de Saldanha da Gama – a uma das missas assistiu Ferreira de Araújo, dono da *Gazeta*. No fim da semana, começavam a extravasar detalhes sobre a morte brutal de Saldanha, cujo corpo tentaram esconder.

³ Quintino Bocaiuva (1836-1912) fora amigo de Machado desde pelo menos 1860, amizade que nunca afrouxou, apesar de Quintino ser republicano histórico. Este teve papel importante na aproximação entre civis e militares no processo que levou à mudança de regime, e foi o único civil que acompanhou Deodoro e Benjamin Constant na proclamação da República em 15 de novembro. Foi ministro do governo provisório, senador, e redator-chefe de *O Paiz* de 1885 até o início do séc. XX. N’“O velho Senado”, de junho de 1898, há uma fina descrição da sua figura. Aqui, Machado se refere a um longo e

tanta parte teve nos sucessos de 15 de Novembro,⁴ é hoje⁵ um dos remanescentes daquele grupo de homens, alguns dos quais a morte levou, outros se acham dispersos pela política, restando os que ainda une o mesmo pensamento de iniciação. A verdade é que temos vivido muito nestes seis anos, mais que nos que decorreram do combate de Aquidabã⁶ à revolução de 15 de Novembro, vida agitada e rápida, tão apressada quão cheia de sucessos.

Mas, como digo, os mortos não vão tão depressa que se percam todos de nossa vista. Ontem era um ex-chefe de Estado que a população conduzia ou via conduzir ao último jazigo. Hoje comemora-se o centenário de um poeta. Digo mal. Nem se comemora, nem é ainda o centenário. Este é no fim do mês; o que se faz hoje, segundo li nas folhas, é convidar os homens de letras para tratarem dos meios de celebrar o primeiro centenário da morte de José Basílio da Gama.⁷ Não conheço o pio brasileiro que tomou a si essa iniciativa; mas tem aqui todo o meu apoio. Não se vive só de política. As musas também nutrem a alma nacional. Foi o nosso Gonzaga que escreveu com grande acerto que as pirâmides e os obeliscos arrasam-se, mas que as *Iliadas* e as *Eneidas* ficam.⁸

importante discurso proferido no Senado no dia 28 de junho, dois dias antes da morte do marechal. Quintino fala da desorganização em que se achava o exército quando da Revolta da Armada: “que as dificuldades encontradas ao rebentar a revolta de 6 de setembro foram realmente consideráveis e assombrosas para outro qualquer espírito que não fosse o do marechal Floriano Peixoto, que a deficiência de recursos, de meios de ação de elementos bélicos era de tal ordem aflitiva e pungente que realmente ninguém poderá explicar como e de que modo se têm esgotado tantos e tantos milhares de contos liberalmente proporcionados pelo parlamento deste país; e entretanto tão mal despendidos e tão negligentemente gastos que, na hora crítica da necessidade suprema, o governo da República se encontrou completamente desapercebido de elementos de resistência ao ataque. / E, diz o orador, pode afirmar esta verdade porque esteve em contato com o governo na situação crítica em que este se achou.” O discurso é realmente interessante, e o resumo da *Gazeta* pode ser lido na primeira página do jornal do dia 29 de junho, colunas 5 e 6. Começa desculpando-se por nunca ter sido soldado e portanto faltar-lhe autoridade. Também acha que, no processo que levou ao golpe (florianista) de 23 de novembro de 1891, e que, depois dele, “houve exagero do espírito partidário e exaltação de um sentimento que pareceu sair da esfera política das vinganças e das perseguições.” Termina apelando às forças políticas do país, seja “no seio dos Estados, no seio dos partidos que se formarem, ou no seio dos grupos parlamentaristas que se organizam”, para que trabalhem todos no mesmo sentido. Resumindo, é um discurso claramente republicano, como era de se esperar, ao mesmo tempo crítico e conciliador.

⁴ Assim, com inicial maiúscula, na *Gazeta* e Mário de Alencar (a norma atual seria “novembro”). Aurélio tem “novembro”.

⁵ Falta esta palavra em Aurélio.

⁶ Batalha de 1870, também conhecida como Cerro Corá, em que morreu o ditador paraguaio, Solano López.

⁷ José Basílio da Gama viveu de 1741 a 1795. *O Uruguai* (como se escreve atualmente) é de 1769. Eis a nota a que Machado se refere, publicada na “Gazetilha” da *Gazeta* no dia 4 de julho: “São convidados todos os literatos residentes nesta capital a assistirem a uma sessão preparatória da comemoração do primeiro centenário da morte de José Basílio da Gama, autor do poema – *O Uruguai*. / A sessão terá lugar no domingo, à 1 hora da tarde, na rua do General Câmara, 77, 1º andar.” No domingo, dia da crônica, o convite foi repetido.

⁸ Não foi possível achar estas palavras na obra de Gonzaga, apesar de busca exaustiva. Achamos que Machado pode ter-se equivocado – ou ter-se baseado em fonte indireta. A ideia, no entanto, está presente nos versos de Gonzaga. É interessante ler o que escreveu Varnhagen sobre o poeta na *Revista do Instituto*

José Basílio não escreveu *Eneidas* nem *Iliadas*, mas o *Uruguai* é obra de um grande e doce poeta, precursor de Gonçalves Dias. Os quatro cantos dos *Timbiras*, escapos ao naufrágio, são da mesma família daqueles cinco cantos do poema de José Basílio. Não tem este a popularidade da *Marília de Dirceu*, sendo-lhe, a certos respeito, superior, por mais incompleto e menos limado que o ache Garrett; mas o próprio Garrett escreveu em 1826 que os brasileiros têm no poema de José Basílio da Gama “a melhor coroa da sua poesia, que nele é verdadeiramente nacional, e legítima americana.”⁹

Neste tempo em que o uso do verso solto se perdeu inteiramente, tanto no Brasil como em Portugal, Gonzaga tem essa superioridade sobre o seu patrício mineiro.¹⁰ As rimas daquele cantam de si mesmas, quando não baste a perfeição dos seus versos, ao passo que o verso solto de José Basílio tem aquela harmonia, seguramente mais difícil, a que é preciso chegar pela só inspiração e beleza do metro. Não serão sempre perfeitos. O meu bom amigo Muzzio,¹¹ companheiro de outrora, crítico de bom gosto, achava detestáveis aqueles dois famosos versos do *Uruguai*:

Tropel confuso de cavalaria,
Que combate desordenadamente.

– Isto nunca será onomatopeia, dizia ele; são dois maus versos.

Concordava que não eram melodiosos, mas defendia a intenção do poeta, capaz de os fazer com a tônica usual. Um dia, achei em Filinto Elísio uma imitação daqueles

Histórico e Geográfico: “Gonzaga tinha uma alma nobre, que pensava mais na glória imortal que nas vaidades do mundo: ‘É melhor ser lembrado / Por quantos hão de vir sábios humanos, / Que ter urcos, ter coches e tesouros, / Que morrem com os anos.’ E para essa glória póstera estava persuadido de que ‘Só podem conservar um nome ilustre / Os versos ou a história.’”

Deste ponto até as palavras “dois maus versos”, o texto do microfilme está praticamente ilegível, e de lá até o fim do texto, o papel tem rasgos e dobras que dificultam a leitura. Onde foi necessário, recorremos ao texto de Aurélio.

⁹ No “Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa” (Paris, 1826), Garrett diz o seguinte sobre José Basílio: “Justo elogio merece o sensível cantor da infeliz Lindoia que mais nacional foi que nenhum dos seus compatriotas brasileiros. O *Uruguai* de José Basílio da Gama é o moderno poema que mais mérito tem na minha opinião. Cenas naturais mui bem pintadas, de grande e bela execução descritiva; frase pura e sem afetação, versos naturais sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades comuns. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que nele é verdadeiramente nacional, e legítima americana. Mágoa é que tão distinto poeta não limasse mais o seu poema, lhe não desse mais amplidão, e quadro tão magnífico o acanhasse tanto. Se houvera tomado esse trabalho, desapareceriam algumas incorreções de estilo, algumas repetições, e um certo desalinho geral, que muitas vezes é beleza, mas continuado e constante em um poema longo, é defeito.”

¹⁰ De fato, Gonzaga não era “patrício” de Basílio, ao menos no sentido de ser natural de Minas. Como se sabia desde 1850, quando Varnhagen publicou na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* a notícia da descoberta do documento comprobatório que encerrou a polêmica sobre o local do nascimento do poeta, Gonzaga era natural do Porto. Ou Machado esqueceu, ou usa a palavra num sentido mais lato.

¹¹ Henrique César Muzzio (1831-1874), jornalista, foi convidado, com Machado, por Quintino a entrar na redação do *Diário do Rio de Janeiro* em 1860 – ambos permaneceram nos seus postos até 1867. Salvador de Mendonça diz que “sempre andava de ponta um com o outro por mera divergência de opiniões artísticas ou literárias”: a historinha que Machado conta aqui será um exemplo. (S. de Mendonça. A gente do *Diário do Rio*, Rio de Janeiro, *O Imparcial*, 23 de março de 1913.)

versos de José Basílio da Gama, por sinal que ruim, mas o lírico português confessava a imitação e a origem.¹² Não quero dizer que isto tornasse mais belos os do poeta mineiro; mas é força lembrar o que valia no seu tempo Filinto Elísio, tão acatado, que meia dúzia de versos seus, elogiando Bocage, bastaram a inspirar a este o célebre grito de orgulho e de glória: – *Zoilos, tremei! Posteridade, és minha.*¹³

A reunião de hoje pode ser prejudicada pela grande comoção de ontem. Outro dia seria melhor. Se alguns homens de letras se juntarem para isto, façam obra original, como original foi o poeta no nosso mundo americano. Antes de tudo, seja-me dado pedir alguma coisa: excluam a polianteia. Oh! a polianteia! Um dia apareceu aqui uma polianteia; daí em diante tudo ou quase tudo se fez por essa forma. A coisa, desde que lhe não presida o gosto e a escolha, descai naturalmente até à vulgaridade; o nome, porém, fá-la-á sempre odiosa, tão usado e gasto se acha. Não lhe ponham tal designação; qualquer outra, ou nenhuma, é preferível, para coligir as homenagens da nossa geração.

No meu tempo de rapaz, era certo fazer-se uma reunião literária, onde se recitassem versos e prosas adequados ao objeto. Não aconselho este alvitre; além de ser costume perdido, e bem perdido, seria grandemente arriscado revivê-lo. Não se podem impor programas, nem se há de tapar a boca aos que a abrirem para dizer alguma coisa fora do ajuste. Uma daquelas reuniões foi notável pela leitura que alguém fez de um relatório, não sei sobre quê, mas era um relatório comprido e mal recitado. Um dos convidados era oficial do exército, estava fardado, e passeava na sala contígua, obrigando um chocarreiro a dizer que a diretoria da festa mandara buscar o oficial para prender o leitor do relatório, apenas acabada a leitura; mas a leitura, a falar verdade, creio que ainda não acabou.

Não; há vários modos de comemorar o poeta de Lindoia, dignos do assunto e do tempo. Não busquem grandeza nem rumor; falta ao poeta a popularidade necessária para uma festa que toque a todos. Uma simples festa literária é bastante, desde que

¹² Parece que o “daqueles versos” a que Machado se refere são os d’*O Uruguai*, não os dois reprovados por César Muzzio e citados por ele. Filinto Elísio, em “Os últimos adeus às musas, *Dedicados ao Senhor Alexandre Sané.*” (*Obras de Filinto Elísio*, nova edição. Lisboa: Tipografia Rollandiana, 1836. t. II. p. 184-199), escreveu estes versos: “Basílio, em Canto altíloquo forceje / Cantar Freire, na América famoso; / Que serve o Rei, com honra, e valor nobre: / General muito humano, cujo peito / Mavioso e pio não consente a vista / De cadáveres frios, dessangrados, / Vítimas da ambição de injusto império.” Em rodapé, Filinto registrou: “*Vid. Uruguai, Poema.*” Esses versos correspondem aos seguintes, de Basílio da Gama (canto III, v. 6-10): “Descontente e triste / Marchava o General: não sofre o peito / Compadecido e generoso a vista / Daqueles frios e sangrados corpos, / Vítimas da ambição de injusto império.” Como se vê, a “imitação” de Filinto se arremata com a transcrição literal de um verso de Basílio da Gama. Quanto à confissão da imitação e da origem, por parte de Filinto, ela está nos próprios versos.

¹³ Numa “Ode ao Senhor Francisco Manuel de Nascimento, em resposta à Ode antecedente”, Bocage (Manuel Maria Barbosa du Bocage, 1765-1805), sob o pseudônimo arcádico de Elmano Sadino, vangloriou-se do poema de Filinto “Lendo os teus versos, numeroso Elmano”. O poema termina: “Fadou-me o grande Filinto, um vate, um nume, / Zoilos! Tremei. Posteridade! És minha.”

tenha gosto e arte.¹⁴ Oficialmente se poderá fazer alguma coisa, o nome do poeta, por exemplo, dado pelo conselho municipal a uma das novas ruas. Devo aqui notar que Minas Gerais, que tem o gosto de mudar os nomes às cidades, não deu ainda a nenhuma delas o nome de Gonzaga, e bem podia dar agora a alguma o nome de Lindoia, se o do cantor desta lhe parece extenso em demasia; qualquer ato, enfim, que mostre o apreço devido à musa deliciosa de José Basílio, o mesmo que, condenado a desterro, pôde com versos alcançar a absolvição e um lugar de oficial de secretaria.

Eu não verei passar teus doze anos,
Alma de amor e de piedade cheia,
Esperam-me os desertos africanos,
Áspera, inculta, montuosa areia.
Ah tu fazes cessar os tristes danos...¹⁵

Assim falou ele à filha do marquês de Pombal, como sabeis, e dos versos lhe veio a boa fortuna. A má fortuna veio-lhe do caráter, que se conservou fiel ao marquês, ainda depois de caído, e perdeu com isso o emprego...

Para acabar com poetas. Valentim Magalhães tornou da Europa.¹⁶ Viu muito em pouco tempo e soube ver bem. Parece-me que teremos um livro dele contando as viagens. Com o espírito de observação que possui, e a fantasia original e viva, dar-nos-á um volume digno do assunto e de si. O que se pode saber já, é que, indo a Paris, não se perdeu por lá; viu Burgos e Salamanca, viu Roma e Veneza, – Veneza que eu nunca verei, talvez, se a morte me levar antes, como diria Mr. de la Palisse,¹⁷ – Veneza, *a única*, como escrevia há pouco um autor americano.¹⁸



¹⁴ Na *Gazeta*, e em Mário de Alencar, está “e a arte”. Aurélio corrige, parece-nos que com razão.

¹⁵ Em 1769, José Basílio foi preso em Portugal por ser ex-aluno dos jesuítas, expulsos dos domínios portugueses em 1759 pelo marquês de Pombal. Não foi desterrado para Angola, como consequência do poema que Machado cita aqui, o “Epitalâmio à Excelentíssima Senhora D. Maria Amália”, de 1769, escrito para as bodas da filha do marquês.

¹⁶ Valentim Magalhães (1859-1903), amigo de Machado, que incluiu seu nome no ensaio “A nova geração”, de 1879, e acompanhou-o ao longo da carreira, restringindo-se, porém, no elogio à sua obra medíocre. Editou a revista *A Semana*, em que Machado colaborou. O livro de viagens não chegou a existir. Para mais detalhes, ver o verbete sobre o autor em *Dicionário de Machado de Assis*, de Ubiratan Machado.

¹⁷ Uma verdade óbvia, também chamada lapalissada. A frase padrão diz que “quinze minutos antes da sua morte, M. de la Palisse estava ainda vivo.” O texto está assim na *Gazeta* e em Aurélio. Mário de Alencar tem “M. de la Palisse” (Mr. era abreviatura de Monsieur – hoje grafada apenas M.).

¹⁸ Infelizmente, foi impossível identificar este autor.